

CULTURA E CRIAÇÃO, ARTE E NATUREZA

Vale iniciar a apresentação desta nossa nova edição lembrando que vivemos atualmente um período de extinção de espécies de animais que, ao que parece, se constitui como uma das maiores da história do planeta. Em paralelo a isto, a acidificação dos oceanos, o derretimento de geleiras, que afeta a salinidade dos oceanos e as correntes marítimas, além da disseminação indiscriminada de plástico que, por sua vez, contamina as cadeias tróficas e, portanto, a alimentação humana, com microplásticos.

Com isto, a seção Epistemologia da Cena traz um conjunto de artigos reunidos e organizados por Marina Guzzo, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP Campus Baixada Santista), onde é pesquisadora do Laboratório Corpo e Arte e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Dança – N(i)D. Valemo-nos aqui das palavras desta pesquisadora para informar que se trata de reflexões resultantes de encontros e discussões ocorridos em evento¹ cujo tema foi a performance artística na esfera pública, numa possível relação entre a cidade e a natureza. Olhares que vão da intimidade do encontro até a amplitude e potência de sua transformação, considerando o cenário político atual e a frágil sustentação social à luz do Antropoceno, recorte fundamental na constituição da seção.

Termo proveniente da Ecologia e popularizado por estudos de um químico atmosférico, Antropoceno visa designar os tempos, ainda em curso, em que a ação humana surte efeito no equilíbrio termodinâmico do planeta. Tais efeitos superam a questão climática, gerando prejuízos para o solo e para o ecossistema, com redução dramática e acelerada da biodiversidade. Isto considerado, será

¹ Cartograma - Corpo, Arte e Performance: entre a cidade e a natureza. O evento ocorreu entre 25 de março e 13 de maio de 2019, no Campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

importante dar a perceber em que âmbito se encontram as artes nos debates sobre o Antropoceno.

A seção traz diferentes percepções sobre o tema, sendo a primeira delas uma reflexão sobre o gesto menor, apresentada por Erin Manning, professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Concordia, em Montreal (Canadá). Desfazer fronteiras entre arte e vida é o ponto de partida, dando a perceber como um procedimento gestual pode alterar as condições da experiência vivida pelo sujeito.

O texto de autoria de Bojana Cvejić e Ana Vujanović, intitulado Esfera Pública pela *Performance*, consiste em tradução adaptada com publicação autorizada, servindo de referência nas discussões realizadas sobre a esfera pública entendida no âmbito do discurso social, levado a efeito pela fala, por ações e movimentos do cidadão. Por sua vez, Ana Teixeira (PUC-SP), trata da percepção da Natureza como referência no entendimento do corpo, o que decorre na dança, no gesto e no movimento, levantando questões sobre a aplicação disto nas artes contemporâneas.

Na sequência, Christine Greiner (PUC-SP) nos traz uma reflexão sobre o papel que a arte e o corpo podem cumprir no encontro e no exercício da alteridade. Renzo Taddei (UNIFESP) propõe que, diante do Antropoceno, mostra-se necessário a existência de um sujeito com múltiplas habilidades, envolvendo a filosofia, a engenharia e a dança, a fim de se preservar a coletividade humana. Já a pesquisadora Luciane Ramos-Silva chega a propor uma reelaboração de existências a partir da escrita de si e de uma discussão crítica da diferença como forma de contraposição da negritude frente ao racismo.

Ana Pais, da Universidade de Lisboa (Portugal), discute a teoria dos afetos na arte com base no trabalho de artistas mulheres. Abrangendo aspectos variados do fazer artístico, a autora percebe a possibilidade de formas diferenciadas de sentir e pensar a vida comum. Finalizando a seção, Marina Guzzo, Conrado Federici e Flavia Liberman, ambos da UNIFESP, discutem a possibilidade efetiva do que se convencionou chamar descolonização no âmbito das artes, trazendo reflexões sobre a esfera pública.

Criação artística, formação e relação com o mundo são os temas que regem a segunda seção desta edição, intitulada Diálogos e Fronteiras. Neste sentido, o pesquisador Osvaldo Fontes Filho (UNIFESP), com base na percepção do movimento expressivo traz à tona o entrecruzar de cinema, teatro e dança em fins do século XIX. A comicidade constitui-se como tônica da reflexão de Adriana Schneider Alcure (UFRJ) ao tratar de procedimentos de criação cênica.

André Magela, da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), tem na vida cotidiana os elementos que compõem as obras que analisa, vendo nelas alternativas para o ensino de teatro. Por fim, com base na semiótica e em estudos sobre processos de criação, Wagner Miranda Dias, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), lança o olhar sobre o percurso e obra de um determinado artista, destacando as relações entre desenho e corpo.

A presente edição conta com a colaboração efetiva da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), referente ao Termo de Outorga nº 043/2019, de apoio à editoração e publicação de periódicos científicos. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESQ.

José Tonezzi e Paula Coelho

Editores